



**Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e
Crítica Literária da PUC-SP**

nº 16 - julho de 2016

**CORDEIRO, Rogério; WERKHEMA, Andréa Sirihal; SOARES,
Cláudia Campos; AMARAL, Sérgio Alcides Pereira do (org.). *A Crítica
Literária Brasileira em Perspectiva*. Cotia: Ateliê Editorial, 2013. 318 p.**

Rafael Fava Belúzio¹

Em março de 2010, o Núcleo de Estudos de Literatura Brasileira (LIBRA), da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, realizou o seu III Seminário de Pesquisa denominado “A crítica literária brasileira”. O evento contou com a presença de um bom número de estudiosos ligados ao tema, nomes de diversas universidades do Brasil. Grande parte dos textos apresentados na ocasião – bem como outras contribuições de pesquisadores que, por algum motivo, não compareceram – compõem o livro *A crítica literária brasileira em perspectiva*, publicado, em 2013, pela Ateliê Editorial. A obra foi organizada pelos professores Rogério Cordeiro, Andréa Sirihal Werkema, Cláudia Campos Soares e Sérgio Alcides Pereira do Amaral – todos eles, em 2010, docentes da UFMG.

O livro, formado por 18 ensaios, procura apresentar e discutir a crítica literária brasileira: desde, principalmente, o século XIX – quando ela, por vezes, se envolveu com o ideal romântico de construção de uma identidade nacional e, em certos momentos, questionou o lugar do país no quadro mais amplo do ocidente – até o século XX – quando foi a vez de a crítica se consolidar na imprensa e, depois, passar a se desenvolver nas universidades. Além desse panorama amplo e diversificado, há, ao final do volume, uma entrevista com Alfredo Bosi, um dos mais importantes críticos brasileiros. Sem falar na “Nota de apresentação” e “Introdução”, assinadas pelos

¹ Doutorando em Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG – Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. favabeluzio@yahoo.com.br

professores Rogério Cordeiro, Andréa Sirihal Werkema, Cláudia Campos Soares e Sérgio Alcides Pereira do Amaral – todos eles, em 2010, docentes da UFMG.

O livro, formado por 18 ensaios, procura apresentar e discutir a crítica literária brasileira: desde, principalmente, o século XIX – quando ela, por vezes, se envolveu com o ideal romântico de construção de uma identidade nacional e, em certos momentos, questionou o lugar do país no quadro mais amplo do ocidente – até o século XX – quando foi a vez de a crítica se consolidar na imprensa e, depois, passar a se desenvolver nas universidades. Além desse panorama amplo e diversificado, há, ao final do volume, uma entrevista com Alfredo Bosi, um dos mais importantes críticos brasileiros. Sem falar na “Nota de apresentação” e “Introdução”, assinadas pelos próprios organizadores – paratextos que ajudam a esquematizar uma obra que mapeia a crítica literária nacional.

Nesta resenha, também de apresentação e mapeamento, convém inicialmente destacar o primeiro texto do volume: “A crítica literária do Brasil oitocentista: um panorama”, de Roberto Acízelo de Souza (UFRJ). O ensaio e, por extensão, o livro *A crítica literária brasileira em perspectiva*, propõem, na verdade, um esboço desde o XVIII – momento em que a crítica se pautava na retórica clássica – até os nossos dias – “quando se estabelece uma formidável e poderosa rede envolvendo universidades, agências de fomento à pesquisa, associações profissionais, publicações especializadas, tudo isso interagindo e viabilizando uma agenda frenética de encontros acadêmicos” (p. 25). Sem deixar de fazer, assim, uma espécie de autocrítica do próprio III Seminário de Pesquisa, Roberto Acízelo de Souza focaliza, em seu estudo, o século XIX, problematizando diversas modalidades de crítica, tais como o raso noticiário jornalístico, o comentário um pouco mais denso sobre novidades literárias, a metapoesia e a metacrítica.

No que toca à crítica literária produzida durante o Romantismo, outros textos do livro podem ser destacados. Maria Eunice Moreira (PUCRS) escreveu “O Brasil em papel: Ideias e Propostas no Pensamento Crítico do Romantismo”, discutindo, em particular, duas contendas ocorridas na imprensa da época: a polêmica do *Minerva Brasiliense* e a polêmica sobre *A confederação dos Tamoios*. O texto de Eduardo Vieira Martins (USP), “Contra José de Alencar: Franklin Távora no Ocaso do Romantismo”, também observa debates sucedidos em periódicos oitocentistas, especialmente a contenda das *Cartas a Cincinato*, momento oportuno em que é sinalizado o embate

entre o Romantismo e uma literatura, por assim dizer, mais preocupada com o real, expressiva no final do século XIX. Por sua vez, Maria Cecília Bruzzi Boechat (UFMG) escreveu “Santiago Nunes Ribeiro e a Tradição da Crítica Brasileira”, aproximando o ensaio de Ribeiro, no supracitado debate da *Minerva Brasiliense*, e o machadiano “Instinto de nacionalidade”. Por sinal, é possível dizer que o texto de José Luís Jobim (UERJ) e o seu assunto, o Bruxo do Cosme Velho, seriam bons fechamentos desse primeiro ciclo da crítica brasileira. Em “Machado de Assis: o crítico como romancista”, Jobim propõe que, nos romances, o autor de “O ideal do crítico” continuaria a atividade de crítico com mais intensidade durante a década de 1860.

O que poderia chamar de segundo ciclo de textos em *A crítica literária brasileira em perspectiva* abarca a passagem do final do século XIX e o começo do XX. Enfatiza três importantes figuras: Sílvio Romero, José Veríssimo e Olavo Bilac. Sobre o primeiro, João Cezar de Castro Rocha (UERJ) apresenta “Sílvio Romero: a Polêmica como Sistema?”, no qual procura balizar a crítica romeriana, sobretudo a partir das discussões e do contraste entre o crítico sociológico e o crítico estético José Veríssimo. Este, por seu turno, é o objeto de “José Veríssimo: Crítico Literário”, de Letícia Malard (UFMG). Aqui também é proposto um contraste entre Romero e Veríssimo; contudo, enfatizando o segundo, Malard aponta como ele se identifica mais com a estética e a psicologia, além da preferência por escrever, de modo impressionista, sobre textos no calor do momento. Conservando, em certo sentido, a ênfase no contraste, bem como fechando o ciclo anterior ao Modernismo e abrindo o ciclo mais ligado a este movimento, Marcus Vinícius de Freitas (UFMG), em “Bilac Crítico”, analisa uma conferência do autor de “Profissão de fé”. Assim, indica a consciência (auto)crítica do poeta, cronista e crítico, em oposição à leitura que os autores ligados a 1922, em especial Mário de Andrade, fizeram do príncipe dos antigos e sapo dos modernistas.

Já na esteira do Modernismo em si mesmo, Robert Wegner (Fundação Oswaldo Cruz), com seu “Criação e Crítica Literária na Trajetória Modernista de Sérgio Buarque de Holanda”, caracteriza a formação deste crítico, revelando, por exemplo, a relação do autor com o Romantismo e o Surrealismo, além da importância dada, por Holanda, para a avaliação interna do movimento modernista. Outros dois textos do livro analisado poderiam ser apresentados como comentaristas desse momento, ainda impressionista e anterior ao que se convencionou chamar de científico. O ensaio de Luiz Roncari (USP) aborda “Lúcia/Miguel: romance e crítica”, avaliando a permanência da estudiosa na romancista e analisando, sobretudo, a obra *Cabra Cega*. Luiz Bueno (UFPR), por sua

vez, fala da importância de Augusto Mayer para a tradição da crítica brasileira devido a ele ter se preocupado menos em avaliar uma obra nacional em relação à “imitação” de modelos estrangeiros do que em encontrar, por exemplo, em Machado de Assis, alguma nota de brasilidade. Tais considerações são vistas em “Influência estrangeira: Augusto Meyer e os casos de Machado e Eça”.

O eixo seguinte da crítica literária, agora dita científica e progressivamente acadêmica, é um extraordinário momento de tensão: Candido/Coutinho. O primeiro foi discutido no texto “Formação, hoje: uma hipótese analítica, alguns pontos cegos e seu vigor”, de Luís Augusto Fischer (UFRGS). O professor gaúcho observa o lugar de Antonio Candido e procura problematizar a trajetória crítica do formador a partir de conceitos como o de nacionalismo, e ainda discutir a relevância desse mesmo conceito hoje, quando a miragem internacionalista se mostra mais forte. O segundo foi debatido em “A Dimensão Política da Obra de Afrânio Coutinho”, de Luis Alberto Alves (UFRJ). Embora tenha sido produzido por um estudioso da mesma universidade do seu objeto de estudo, não deixou de fazer o autor de *A Literatura no Brasil* também passar por uma dura avaliação: Luis Alberto Alves chega a afirmar: “Seus [de Coutinho] escritos, arrisco dizer, simplesmente caducaram” (p. 228). Assim, Antonio Candido e Afrânio Coutinho ganharam a ternura das homenagens, mas sem perder a dura avaliação.

O último ciclo de autores é aberto por “Benedito Nunes e a Interpretação Crítica de Guimarães Rosa”. Como se observa pelo título dado por Sílvio Augusto de Oliveira Holanda (UFPA) ao artigo, há no texto o trato de um caso particular na obra de Benedito Nunes, embora o mesmo caso seja de amplitude considerável. Além disso, o texto não deixa de marcar algumas características de Benedito Nunes: formação alargada, sem rígidas fronteiras entre cadeiras acadêmicas como filosofia e literatura, bem como a afinidade com o ensaísmo. Um ensaísmo, entretanto mais duro, também é uma marca do crítico visto nas “Tensões e Transformações em Luiz Costa Lima”, produção de Dau Bastos (UFRJ). No entanto, Bastos procura, com um olhar leve, discutir as questões que fazem com que Costa Lima seja encarado atualmente com certas ressalvas por alguns críticos. Um desses motivos seria a postura ácida do autor de *O controle do imaginário*. Importante acrescentar que o ensaio de Bastos cria um bom painel e apresenta, em linhas gerais, Costa Lima em quatro faces: o professor, o pesquisador, o editor e o autor. A multifacetação de outro pensador é discutida por Lino Machado (UFES), em “Crítica e Poética Plurais: Haroldo de Campos”, texto que mostra

a mescla existente em um dos responsáveis pela práxis concretista: teoria e poesia. Por falar em práxis, Maria Elisa Cevalco (USP) escreveu “Formas Trabalhando Formas: A Crítica Literária Segundo Roberto Schwarz”, indicando, a partir de uma análise do livro *Duas meninas*, algumas das influências fundamentais da produção de Schwarz, o principal discípulo de Antonio Candido, como o marxismo e o formalismo. Por fim, Flora Süssekind (UNIRIO) parte da obra do crítico Wilson Martins, falecido em 2010, para discutir alguns pontos da crítica literária contemporânea, como se pode ver em “Crítica como Papel de Bala”.

Após os 18 artigos aqui minimamente apresentados, *A crítica literária brasileira em perspectiva* traz uma entrevista com Alfredo Bosi. São dez perguntas respondidas pelo uspiano. Nelas, Bosi dimensiona suas influências sofridas, tanto na esteira nacional quanto na internacional, destacando nomes que vão de Croce a Benjamin, de José Veríssimo a Antonio Candido. Mostrando muita lucidez diante do trato da relação entre literatura e sociedade, bem como entre história e crítica literárias, o autor de *História concisa da Literatura Brasileira* fechou o livro fazendo, não raro, uma autoavaliação mais profunda e nevrálgica do que alguns estudiosos fizeram de outros críticos.

Nessa linha de raciocínio, tecendo um balanço do livro, convém ressaltar ser ele expressivo não apenas como uma espécie de cânone da crítica literária brasileira, enquanto listagem plural e organizada a respeito do panorama desenvolvido entre nós durante os séculos XIX e XX, mas é significativo também como manifestação do estado da crítica literária feita hoje. Por exemplo, os estudiosos que assinam os artigos da obra são, em geral, das principais universidades do país. Nesse particular, convém frisar que dos 18 ensaios, USP, UFRJ e a própria UFMG contam com três autores cada – denunciando, portanto, o foco no sudeste e, em especial, nessas três grandes universidades. Em certa medida, a obra aponta para uma relativa diversidade ao incluir pesquisadores de lugares menos ou mais “incomuns”.

No que toca à própria organização do cânone construído em *A crítica literária brasileira em perspectiva*, outro ponto a se considerar é a ausência de alguns nomes relevantes. Por exemplo, sobre a passagem do século XIX para o XX, poderia se reclamar a falta de Araripe Jr. Ao mesmo tempo, é sentida a falta de manifestações da crítica mais ligadas aos Estudos Culturais. De alguma maneira, o livro está tecendo – tanto no plano diacrônico, por meio da construção da perspectiva histórica da crítica brasileira, quanto no plano sincrônico, por meio dos estudiosos convidados – o cânone

do próprio LIBRA, Núcleo de Literatura Brasileira da Universidade Federal de Minas Gerais.

Além de ser uma espécie de notícia da atual crítica literária brasileira e um cânone proposto pelos estudiosos de Literatura Brasileira da UFMG, ou, talvez, ainda, juntando os dois elementos, o livro contribui na medida em que ajuda no questionamento da formação, via São Paulo, da Literatura Brasileira, especialmente da modernista. Nesse sentido, merecem destaque os textos de Marcus Vinicius de Freitas e Luís Augusto Fischer. Enquanto o primeiro discute o lugar, hoje, de Olavo Bilac, desestruturado em função do Modernismo brasileiro (ou seria paulista?), o segundo mostra o mesmo Modernismo paulista (ou seria paulistano?) como um operador formal de *Formação*, de Candido, e da formatização da literatura brasileira. Assim, não é ocasional Marcus Freitas ser professor da UFMG e Luís Fischer da UFRGS. Fora da USP, *A crítica literária brasileira em perspectiva* observa, se não um novo cânone da crítica, os velhos problemas já colocados. Contudo, em certo alcance, as antigas querelas são, agora, um pouco redimensionadas.

Data de submissão: 30/10/2015

Data de aprovação: 05/03/2016